

16-10-2020

HÁ NA LISTA DE BAGÉ...

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Nascido e criado a pouco mais de 100 quilômetros da lendária cidade de Bagé, na Região dos Pampas gaúchos, tive que recorrer a um dos seus mais ilustres quase-conterrâneos - *O Analista de Bagé* - para tentar entender este delicado momento, assim como as reações negativas que recebi de colegas, por eu haver escrito para este *Blog* o Artigo de Opinião do mês passado, sobre “*A imponderável insuficiência das listas de doenças relacionadas ao trabalho*”.

Aliás, pensar neste personagem criado pelo fino humor de Luís Fernando Veríssimo me fez bem, pois me levou a recordar que a cidade de Bagé é emblemática (tal como São Gabriel, onde nasci) por ser berço de militares conhecidos por sua truculência (Emílio Garrastazu Médici, entre outros), mas também de respeitáveis mestres do Direito e da arte política, como Paulo Brossard de Souza Pinto (1924-2015) e o veterano Alceu Collares (93 anos) - entre outros.

Mas, o *Analista de Bagé*, supostamente freudiano de linha ortodoxa (mais ortodoxo do que a *Pomada Minâncora* e do que as *Pastilhas Valda*, dizia ele...), heterodoxo quando necessário, arguto em suas análises, ajudou-me muito, e sou-lhe muito grato, assim como à sua assistente Lindaura, sempre convocada para os casos difíceis e complexos. Ensinaram-me a lidar com a dor, sem precisar tomar *Anador* nem *Lisador*... Foi como se eu tivesse tomado *Doril* ou *Melhoral*... Ensinaram-me a ‘técnica do joelho’: uma dor maior faz desaparecer a dor menor...

Com efeito, o que eu havia escrito continua a me parecer adequado e oportuno: “... a lista cresceu de quase duzentas entidades reconhecidas em 1999, para quase 400 entidades reconhecidas vinte anos depois. E foram inclusões relevantes, principalmente ao abrir espaço para os “agentes e/ou fatores de risco psicossociais no trabalho”, na Parte V da Lista A, e seu nexos potencial com inúmeras “doenças” mencionadas na Lista B. Foram avanços importantes, que levaram em conta o crescimento dos adoecimentos relacionados aos processos de precarização do trabalho e de vulnerabilização de trabalhadores e trabalhadoras, sob o aguilhão cruel da ideologia neoliberal, a serviço do capital financeiro volátil, especulativo e de rápido retorno.” Na verdade, continuo pensando na referida Lista e, obviamente, defendo sua utilização como uma referência importante.

Tão importante que despertou a ira do patronato e dos ocupantes militares do Ministério da Saúde. Contudo, para além das ponderações já feitas, este ‘analista da Lista’ anda pensando, também, em inclusões necessárias ao atual

contexto que estamos a viver (aliás, a *sobreviver*, quase a *morrer*...)

Depois destas reflexões iniciais - um misto de humor, ironia, tristeza e até nostalgia dos *Pampas* gaúchos onde nasci (Região da *Campanha*, vizinha dos queridos Uruguai e Argentina...) - resolvi ir criando uma *Lista ampliada* de “doenças relacionadas ao trabalho”, que abra espaço, porém, para as “doenças relacionadas à FALTA DE TRABALHO”, ou “relacionadas ao grave e crescente DESEMPREGO”. Com efeito, “há na lista de Bagé” - título trocadilhisto e irreverente deste ensaio - a inclusão de uma série de expressões de sofrimento, dor e adoecimento crescentemente relacionadas ao “estado lastimável a que chegamos”, e ao “estado insuportável a que as políticas neoliberais genocidas nos levarão”.

As pessoas - trabalhadores e trabalhadoras - são aquelas que Castel identifica como “... indivíduos que se encontram FORA DAS RELAÇÕES SOCIAIS TRADICIONAIS DE UM PADRÃO DE PROTEÇÃO SOCIAL, devido à crise social: os DESEMPREGADOS, aqueles INSERIDOS DE FORMA PRECÁRIA NO MERCADO DE TRABALHO e, também, os INDIVÍDUOS OU GRUPOS COM FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS RELACIONAIS, sejam eles familiares ou comunitários.” [Castel - *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*, 2013]. Aliás, a Portaria 1.823, de 23/8/2012, que instituiu a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, preconiza elevada prioridade para “...pessoas e grupos em situação de maior vulnerabilidade, como aqueles inseridos em ATIVIDADES OU EM RELAÇÕES INFORMAIS E PRECÁRIAS DE TRABALHO, em ATIVIDADES DE MAIOR RISCO PARA A SAÚDE, SUBMETIDOS A FORMAS NOCIVAS DE DISCRIMINAÇÃO, ou ao TRABALHO INFANTIL...”.

São condições listadas no Capítulo XXI (códigos Z) da CID-10, como, por exemplo: Z55 - Problemas relacionados à EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO; Z56 - Problemas relacionados a EMPREGO E O DESEMPREGO; Z59 - Problemas relacionados à MORADIA E CIRCUNSTÂNCIAS ECONÔMICAS; Z60 - Problemas relacionados ao AMBIENTE SOCIAL; Z63 - Problemas relacionados ao GRUPO PRIMÁRIO DE APOIO, INCLUINDO CIRCUNSTÂNCIAS FAMILIARES; Z65 - Problemas relacionados a OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS PSICOSSOCIAIS. No Brasil, eram da ordem de 30 a 35 milhões de homens e mulheres os que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) lançou nas categorias de “desempregados” “desocupados”, “subocupados” e “desalentados” e suas variações...

E este número, por certo, ainda oculta as faces mais cruéis deste quadro brasileiro a que fomos empurrados pela pandemia e pelo pandemônio...

Sim, há na *lista de Bagé* espaço para acolher, eles e elas, em suas expressões de sofrimento, doença e morte, mas também, um estratégico espaço de resistência e luta! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.